

Jhonatan da Silva CORRÊA* 

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, Brasil

jhonbode@hotmail.com.br

Jefferson Rodrigues DE OLIVEIRA* 

Secretaria de Estado da Educação do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

jeffersongeouery@yahoo.com.br



GEOGRAPHIA
OPPORTUNO
TEMPORE



TERRITORIALIDADES E FESTIVIDADES DO SAGRADO: O ESPAÇO E O LUGAR DA CONGADA EM MACHADO – MG

Territorialities And Festivities of the sacred: the space and place of the congada in Machado – Mg

Territorialidades y Festividades de lo sagrado: el espacio y el lugar de la Congada en Machado – MG

RESUMO

As festividades das Congadas em Machado, Sul de Minas Gerais, têm como seu principal alicerce a Festa de São Benedito, centenária teve seu primeiro registro histórico no ano de 1914. As espacialidades festivas alcançaram importante difusão geográfica, incorporando outros elementos em suas centralidades, tornando a territorialidade festiva mais dinâmica e plural. Com o passar dos anos, os congadeiros começaram a perder território, o que culminou no surgimento de territorialidades conflitantes no espaço e tempo festivo. Como alternativa a esses espaços conflitantes, no ano de 2017 surgiram novas festividades no município, sendo: a de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia. Desta maneira, houve interesse de aproveitar o terreiro de São Benedito (Praça de São Benedito) para os ternos de congadas manifestarem suas evoluções, preservando e ocupando as suas espacialidades no município. Para o desenvolvimento da pesquisa, foram realizadas diferentes etnografias e trabalhos de campo no lugar, entre os anos de 2017 e 2023. Além disso, houve a realização de observações e entrevistas semiestruturadas, buscando atender aos objetivos traçados na compreensão das estratégias e dinâmicas de manutenção do/no espaço religioso e da cultura das congadas em Machado–MG. Como resultado percebemos que novas espacialidades e territorialidades foram ressignificadas com o intuito de estabelecer o pertencimento com o lugar, dando maior destaque a religiosidade e cultura das congadas.

Palavras-chave: festa, cultura, Congado, religiosidade.

* Graduado em Geografia Licenciatura e Bacharelado pela Universidade Federal de Alfenas/MG, Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Alfenas/MG e atualmente é doutorando pela Universidade Federal do Espírito Santo/ES e Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES). Pesquisas na área de Geografia Humana, mais especificamente em: Geografia Cultural e Geografia da Religião.

* Pós-doutor em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor / Orientador Educacional na Secretaria de Estado da Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC-RJ) e Vice-coordenador do grupo de pesquisa do CNPQ- NEPEC em Rede.

ABSTRACT

The main foundation of the Congada festivities in Machado, in the south of Minas Gerais, is the centenary São Benedito Festival, first registered in 1914. The festive spatialities have reached an important geographical spread, incorporating other elements into their centralities, making the festive territoriality more dynamic and plural. Over the years, the congadeiros began to lose territory, which culminated in the emergence of conflicting territorialities in festive space and time. As an alternative to these conflicting spaces, new festivities emerged in the municipality in 2017: Nossa Senhora do Rosário and Santa Efigênia. As a result, there was an interest in using the São Benedito grounds (Praça de São Benedito) for the congada groups to demonstrate their evolutions, preserving and occupying their spatialities in the municipality. In order to develop the research, various netnographies and fieldwork were carried out in the area between 2017 and 2023. In addition, observations and semi-structured interviews were carried out in order to meet the objectives set in understanding the strategies and dynamics of maintaining the religious space and culture of the congadas in Machado-MG. As a result, we realized that new spatialities and territorialities were re-signified in order to establish belonging to the place, giving greater prominence to the religiosity and culture of the congadas.

Keywords: festival; culture; Congado; religiosity.

RESUMEN

El principal fundamento de las fiestas de la Congada en Machado, en el sur de Minas Gerais, es la centenaria Fiesta de São Benedito, registrada por primera vez en 1914. Las espacialidades festivas han alcanzado una importante dispersión geográfica, incorporando otros elementos a sus centralidades, haciendo la territorialidad festiva más dinámica y plural. A lo largo de los años, los congadeiros fueron perdiendo territorio, lo que culminó en la aparición de territorialidades conflictivas en el espacio y en el tiempo festivos. Como alternativa a estos espacios conflictivos, en 2017 surgieron nuevas festividades en el municipio: Nossa Senhora do Rosário y Santa Efigênia. De este modo, surgió el interés de utilizar el terreno de São Benedito (Plaza de São Benedito) para que los grupos de congada manifestaran sus evoluciones, preservando y ocupando sus espacialidades en el municipio. Para llevar a cabo la investigación, se realizaron diversas netnografías y trabajo de campo en la zona entre 2017 y 2023. Además, se llevaron a cabo observaciones y entrevistas semiestructuradas en un intento de cumplir con los objetivos planteados en la comprensión de las estrategias y dinámicas de mantenimiento del espacio religioso y la cultura de las congadas en Machado-MG. Como resultado, nos dimos cuenta de que nuevas espacialidades y territorialidades fueron re-significadas con el fin de establecer la pertenencia al lugar, dando mayor protagonismo a la religiosidad y la cultura de las congadas.

Palabras clave: festival; cultura; Congado; religiosidad.

A presença dos congadeiros e seus ternos machadenses nas festividades vizinhas evidencia a importância do município nessa rede cultural. Afinal, para garantir um bom número de ternos e abrilhantar as festividades com fé, devoção, sonoridades, ritmos e cores, o município disponibiliza seus ternos, sendo positivo para o festeiro contratante, para a festividade e para os congadeiros que usam a renda adquirida para melhorias na estrutura do grupo. Cidades como Poço Fundo, Borda da Mata, Serrania, Silvianópolis, Carvalhópolis, Campanha, Alfenas, entre outras, abrem as portas para as Congadas de Machado.

Perante esse cenário, encontramos a necessidade da preservação de um dos maiores polos irradiadores da cultura das congadas no Sul de Minas Gerais, que há anos vem sofrendo com processos de perdas na territorialidade em prol de outras espacialidades, entre elas as comerciais. Como consequência, ocorreram limitações às manifestações culturais no terreiro de São Benedito, devido às barracas, cadeiras e mesas distribuídas no local que outrora eram usados pelos ternos para suas manifestações culturais e religiosas no terreiro de São Benedito (Corrêa; Alves, 2017).

Devido à percepção de perda espacial, houve a reformulação/recriação da Festa de Nossa Senhora do Rosário, que já existiu anteriormente à Festa de São Benedito no município, e a criação da Festa de Santa Efigênia. Logo, os três padroeiros populares das festividades associadas à cultura do congo são homenageados por seus devotos congadeiros/soldados³.

O objetivo deste trabalho se encontra dentro da abordagem cultural pós-1980 na geografia (Corrêa; Rosendahl, 2003), é apresentar como a cultura popular vem se adaptando, criando novos arranjos espaciais e novas territorialidades, inclusive religiosas do/no lugar durante o tempo festivo, com o intuito de se estruturarem e defenderem seus vínculos territoriais e sua herança cultural, histórica e patrimonial. O surgimento dessas territorialidades proporciona na consciência coletiva a importância do pertencimento e ocupação de um determinado lugar, rememorando ações e tempos históricos passados (Nora, 1984). Sendo uma resposta organizacional e adaptação às diferentes ocorrências/situações que possam, mesmo que de maneira ligeira e imperceptível, no momento, corroer a centralidade cultural que há pouco mais de um século resiste e r-existe no município.

³ Os congadeiros são conhecidos como soldados de São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia. Por isso, usam suas fardas, que em Machado é característico da Festa de São Benedito a troca anualmente da vestimenta no segundo domingo festivo.

METODOLOGIA

Para a constituição do trabalho realizamos a divisão da metodologia em duas partes: a) a primeira com estudos de gabinete por meio de diferentes fontes primárias e secundárias, buscando compreensão da gênese da festividade, seus desdobramentos ao longo dos anos, e as possíveis transformações e mudanças em sua estrutura organizacional e territorial relacionadas às manifestações culturais/religiosas das congadas e; b) a segunda parte foi onde ocorreram os trabalhos de campo e as observações nas temporalidades e espacialidades festivas e não festivas, como as participações nas reuniões mensais da Associação dos Congadeiros Tio Chico e uso da netnografia.

Ao analisar a festividade não apenas no tempo extra-cotidiano (o tempo da festa), mas também, por meio de uma netnografia que segundo Mesquita *et al.* (2018, p. 135), auxilia no processo de entendimento e prática das novas realidades sociocultural, em especial como vivenciamos em tempos da Covid-19. Para o autor, nas últimas décadas, “a internet vem transformando a vida social através das suas diversas ferramentas tecnológicas, criando um ambiente virtual de interação no qual a sociedade e seus indivíduos atuam continuamente”. Ainda segundo o autor, “[...] as metodologias de investigação em ciências sociais também têm se desenvolvido, dando origem a novos métodos de pesquisa que permitem avançar na exploração destes novos ambientes culturais humanos, como na netnografia (Mesquita *et al.*, 2018, p. 135).

A netnografia está relacionada ao estudo etnográfico do ambiente virtual, onde as manifestações presentes no ciberespaço e o seu uso são interpretadas e estudadas, constituindo um novo modo de trabalho de campo para o pesquisador (Hine, 2001). O uso da netnografia se tornou evidente e necessário para o acompanhamento das manifestações culturais no período da pandemia da Covid-19, deixando profundas marcas e garantindo a manifestação festiva e sua reatualização nos anos de 2020 e 2021, emergindo a cultura popular e o catolicismo popular em um processo de difusão midiática, em especial pelas redes sociais – *WhatsApp*, *Instagram*, *Facebook*, *YouTube*, entre outros (Corrêa, 2020, 2022; Oliveira, 2017, 2019; Oliveira; Lima, 2021).

A participação na manifestação festiva no ciberespaço e a análise de sua estrutura foram essenciais para a discussão, com o intuito de entender como as relações sociais se constituíram no meio digital e como a temporalidade da festividade foi ali alicerçada. Os trabalhos de campo também foram realizados nos itinerários simbólicos e nas formas simbólicas espaciais religiosas (Corrêa, 2007; Frangelli, 2015; Rosendahl, 2012) referente à Festa de São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia em Machado. Ademais, houve entrevistas semiestruturadas com os participantes dos ternos de congadas de Machado. Essas entrevistas ocorrem de diversas maneiras,

tanto presenciais como virtuais. As entrevistas presenciais foram realizadas no terreiro de São Benedito ou na Associação dos Congadeiros Tio Chico. Nos anos de 2020 e 2021, houve o cuidado necessário devido à pandemia, como: distanciamento, uso de máscara e álcool. Por outro lado, as entrevistas virtuais ocorreram por meio de chamada de vídeo, chamada comum e troca de áudios.

A geografia cultural, epistemologicamente, vem, ao longo de sua existência, passando por transformações enquanto novas dinâmicas socioculturais no espaço geográfico surgem imprimindo novas marcas espaciais – no espaço e tempo. Sobre a ótica da geografia cultural renovada, houve a possibilidade de adentrar na experiência vivida, nos diferentes aspectos culturais da sociedade, constituindo novos olhares que outrora não eram de interesse para as análises geográficas (Corrêa, 2022).

Por meio do método qualitativo, da geografia da existência e r-existência se constitui um estudo visando compreender uma ontologia hodierna onde se tem um mundo em construção e a sua representação pode ser pautada por meio da divergência ou convergência existencial, fundado no espaço geográfico o pertencimento. Assim, é abordada a geograficidade do lugar, culminando na questão do ser-no-mundo, onde o espaço passa a ser subjetivado (Holzer, 2010). Portanto, cabe destacar que o sujeito tem grande importância na pesquisa, sendo maior que os objetos, pois o espaço abordado é o vivido, o espaço da experiência (Sposito, 2004).

GEOGRAFIA, CULTURA E RELIGIÃO

Ao pensar na relação entre geografia e religião e sua manifestação no espaço geográfico interpretar as diferentes espacialidades que coadunam com essa relação se torna necessário. Consoante a geógrafa Zeny Rosendahl (2012), a análise do espaço sagrado e do espaço profano se tornou necessária para o desenvolvimento do trabalho. Podemos entender o espaço sagrado por meio da espacialidade que conduz a experiência sacra, associada a uma divindade; em contrapartida, o espaço profano não detém de maneira direta essas relações (Rosendahl, 2018).

O sagrado pode ser analisado e compreendido como algo que está além das condições ordinárias, tem em sua composição a ruptura e, portanto, o extraordinário, ou seja, ele salta para fora do contexto habitual. Há no sagrado uma relação de divindade que é distinta ao ser humano, mas há em sua manifestação a relação com o indivíduo que em sua ocorrência cosmológica, a transcendência, inclui em sua relação, o indivíduo, ou seja, “o homem enfrenta o sagrado como uma realidade imensamente poderosa distinta dele. Essa realidade a ele se dirige, no entanto, e coloca a sua vida numa ordem, dotada de significado” (Berger, 1985, p. 39).

No que tange a espacialidade do sagrado, de acordo com a geógrafa Rosendahl (2002), o espaço sagrado é definido como, “[...] um campo de forças e valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto no qual transcorre sua existência”. Desta maneira, “é por meio de símbolos, dos mitos, dos ritos que o sagrado exerce sua função de mediação entre o homem e a divindade. E é o espaço sagrado, enquanto expressão do sagrado, que possibilita ao homem entrar em contato com a realidade transcendente chamada deuses” (Rosendahl, 2002, p. 30). O espaço sagrado constitui-se de duas áreas qualitativas fortes: um ponto fixo, marcado pela hierofania, termo proposto por Mircea Eliade (1964), para designar a manifestação do sagrado em objetos ou pessoas.

No ambiente de um determinado grupo, há lugares, os quais são definidos e experienciados através da manifestação do poder sagrado, podendo se manifestar em diversos pontos e objetos no espaço geográfico, como em árvores, lagos, grutas, colinas, entre outros (Sopher, 1967), consagrando o espaço, tornando-o qualitativamente forte, demarcado e diferenciado (Rosendahl, 2002). Desta maneira, surgem as hierofanias que para Eliade (1964, p. 21), “não se trata de uma veneração da *pedra como uma pedra*, de uma *árvore como uma árvore*”. Ainda segundo Eliade, “a pedra sagrada, a árvore sagrada, não são adoradas como pedra ou como árvore, são-no justamente porque são *hierofanias*, porque <<mostram>> qualquer coisa que já não é pedra nem é árvore, mas o sagrado [...]”.

Por meio da manifestação do sagrado, há alteração no espaço vivido, culminando na suspensão do rotineiro e na ruptura do profano ante as manifestações hierofânicas, o rompimento acontece tanto no espaço como no tempo (Eliade, 1964; Rosendahl, 2002). Segundo a geógrafa Rosendahl (2018), é no tempo Cronológico e/ou Kairológico que as manifestações religiosas e festivas acontecem, podendo ser o fruto de uma reatualização cosmogônica de um ritual. Portanto, a festa não possui em seu âmbito a comemoração de um evento mítico, mas sim sua reatualização tanto espacial como temporal (Eliade, 1964).

Conseqüentemente, a ação no espaço traz a composição de uma organização que o humaniza. Essa interferência passa a deixar marca e a criar vínculo. Afinal, “[...], a paisagem é *expressão*, e, mais precisamente, expressão da existência. Ela é portadora de um sentido, porque ela é marca espacial do encontro entre a Terra e o projeto humano”. Desta maneira, “a paisagem é essencialmente mais *mundo* do que *natureza*, ela é o mundo humano, a *cultura* como encontro da liberdade humana com o lugar do seu desenvolvimento humano: a Terra” (Besse, 2006, p. 91).

Sendo assim, há na intervenção humana, por meio da sua necessidade e da criação de tecnologia, a transformação da natureza em produto que vai ser destinado a uma finalidade, culminando preceito da elaboração cultural. Essa transformação traz em seu âmago o trabalho do

objeto cultural que, posteriormente, no tempo/espaço, se estabelece para além da paisagem, fundando uma relação condizente ao lugar (Luchiari, 2001).

A leitura do objeto cultural, do símbolo, constitui uma preocupação da Geografia Humanística, visando entender a relação circunscrita entre o indivíduo, a paisagem, o lugar e como ela se estabelece (Costa, 2008). Segundo Paul Fickeler (2008), a marca de uma representação religiosa no espaço geográfico tem o potencial de revelar sua acepção/significado religioso. Contudo, não podemos interpretar a paisagem como inerte, ela também está presente nos espaços e movimentos. Tuan (2013) afirmou que, para a consolidação do lugar, a pausa se constitui necessária enquanto o espaço se consolida como movimento.

Logo, o lugar não está relacionado a uma localidade, mas sim tem como característica ser um espaço dotado de forte carga simbólica. Há no lugar a relação com a imagem possuidora de significado, podendo o mesmo ser ambíguo: ser bom e hospitaleiro para alguns e ruim e/ou perigoso para outros (Souza, 2015). Por isso, “O lugar é um mundo de significados” (Tuan, 2013, p. 219).

A lembrança tem grande impacto na formulação do lugar, está atrelada à alegria e à tristeza da vida de cada um. De certa maneira, existe uma necessidade de dar significado ao mundo, conseqüentemente, é formulada uma grande carga cósmica ou presença do divino. Em contraste com o profano e rotineiro, existe o sagrado, onde o lugar, visitado ou habitado por um gênio, espírito ou príncipe invisível, emana uma dimensão real, podendo ser mais verossímil que o mundo habitado (Claval, 2014).

Para o estabelecimento do lugar, é imprescindível que se tenha uma vivência. Para Corrêa (2014), o lugar se tornou conceito-chave na Geografia Cultural Humanista. Enquanto isso, o conceito de espaço refere-se para muitos autores como espaço vivido. Espaço esse que não está dissociado do conflito, pois, sobre uma análise referente à manifestação religiosa, a observação da ação humana no meio recai sobre outros elementos como: político, econômico e social.

Para a abordagem dessa composição, o território, a territorialidade e as relações de poder são essenciais. Em consonância com Haesbaert (2006), a consolidação de um território está presente via uma relação de força onde se envolve a subordinação política e econômica do espaço. Nessa condição, não se manipula somente aspectos físicos, mas também questões relacionadas à identidade social e cultural. Para a compreensão do que ocorre no cotidiano ou em uma espacialidade extraordinária como a de uma festa, há necessidade de uma escala reduzida podendo ser interpretado nessa questão a dinâmica de uma praça ou até mesmo o fragmento de uma rua onde possa haver a manifestação de um território (Souza, 2015).

O Território tem grande importância para os grupos e etnias culturais, não existindo nenhum grupo que em sua ação coletiva não tenha pensado na preservação e no investimento do seu espaço como uma maneira de garantir seus elementos físicos e culturais, “[...] o território é um importante instrumento de existência e de reprodução do agente social que o criou e o controla.” (Bonnemaison, 2002, p. 172). Arelado ao território temos a territorialidade, que possui continuidade e descontinuidade relacionado ao tempo e espaço, ela institui sua identidade por meio da condição histórica e geográfica de cada lugar, sendo perceptível em dispares escalas (Saquet, 2015a, 2015b).

Como supracitado, no território, na territorialidade, a observação pode ser feita em diversas escalas, percorrendo o âmbito da família, do bairro, da cidade, bem como de um país ou continente, conforme a necessidade do pesquisador e a dimensão da análise. A constituição da territorialidade é perceptível pelas trocas existentes em um território, sendo um de seus derivados, desta maneira na manifestação religiosa não é diferente,

A territorialidade religiosa por sua vez significa o conjunto de práticas desenvolvidas por instituições ou grupos no sentido de controlar certo território, onde o efeito do poder do sagrado reflete uma identidade de fé e um sentimento de propriedade mútuo. A territorialidade é fortalecida pelas experiências religiosas coletivas ou individuais que o grupo mantém no lugar sagrado e nos itinerários que constituem seu território (Rosendahl, 2013, p. 176).

Por conseguinte, é perceptível a relação de poder presente tanto no território como na configuração da territorialidade. Deste modo, entender o que é o poder se faz necessário para a análise das configurações festivas e suas estruturações. O poder se estabelece por meio de uma rede, por isso não é possível detê-lo e sim exercê-lo em algum momento e em outro sofrer a sua interferência. Ninguém é dono absoluto do poder, podemos funcionar como um centro de transmissão e absorção da rede. “[...] o poder não se dá, não se troca e nem se retorna, mas se exerce, só existe em ação, [...] acima de tudo uma relação de força.” (Foucault, 2017, p. 274). Essa relação também se constitui no campo do conhecimento e na formulação da opinião pública, por exemplo, estabelecendo um campo desigual em diversas camadas sociais, desde o nível do lugar como no global (Foucault, 2017).

Logo, para análise da Festa de São Benedito e para as novas festividades, como a de Santa Efigênia e Nossa Senhora do Rosário, os conceitos aqui descortinados serão de extrema importância para a compreensão espacial e temporal das manifestações religiosas em Machado – MG.

A FESTA DE SÃO BENEDITO: UMA RIQUEZA DE MACHADO

Com mais de um século de existência, a Festa de São Benedito, desde seus primeiros registros, se constituiu como uma festividade pouco aceita pela Igreja Católica Apostólica Romana, inicialmente associada à população negra do município. E assim se fez por muito tempo, como uma festividade de dimensões pequena, voltada para a população periférica do município, onde os esforços da construção da capela e reatualização festiva eram constituídos por leigos e não membros eclesiásticos. Os congadeiros até a década de vinte do século XX, não possuíam um lugar específico para as suas práticas culturais (Jornal Folha Machadense, nº672, 1987 *apud* Araújo, 2014).

Conforme Silva (2014), os Congadeiros chegaram a construir uma pequena capela, entretanto a mesma foi demolida, havendo uma nova construção posteriormente, de acordo com Rebello (2006). Essa construção, ainda segundo o autor, ocorreu graças a uma festa realizada com o intuito de arrecadar fundos no ano de 1923, tendo como consequência a inauguração da Capela no ano de 1930. Ademais, cabe ressaltar que as congadas no município de Machado sempre passaram por dificuldades, não tendo apoio da Igreja. Havia no município na década de quarenta do século XX, uma postura de não aceitar a participação dos congadeiros nas festividades religiosas (Gonçalves; Reis, 1979).

Isso ocorria devido aos padres, em sua maioria estrangeiros, da congregação “Missionários do Sagrado Coração de Jesus” não aceitavam as manifestações das congadas entendidas por eles como profanas. Portanto, no ano de 1942, o congado funcionou independente da festividade. Além disso, no ano de 1943, encontra-se anotado no livro de tombo: “sem os ruidosos festivais dos outros anos, mas com muito mais fruto espiritual” (Rebello, 2006, p. 184). Mostrando uma posição preconceituosa dos que estavam representando a Igreja.

Segundo Gonçalves e Reis (1979), os missionários anglo-saxões ficaram à frente da Paróquia até o final da década de cinquenta do século XX. Contudo, as congadas nunca sucumbiram, mostrando seu caráter de resistência e permanência durante as atrocidades a ela conferidas. A relação entre o clero e os zeladores da capela de São Benedito não era amistosa, o que acabou resultando no litígio: um triste episódio da história da Festa de São Benedito de Machado-MG. Com o litígio, iniciou-se uma disputa pela capela de São Benedito que, como já demonstrado, foi construída pelos congadeiros e era por membros não eclesiásticos administrada. Com aval do STF, após uma disputa judicial entre congadeiros e a Igreja, houve a decisão de entregar a capela à Igreja Católica Apostólica Romana, sendo agora a administradora da forma simbólica espacial religiosa em meados do século XX. Essa disputa esteve relacionada a uma ação da Igreja denominada de Romanização:

Iniciado no Pontificado de Pio IX (1846), este movimento ganhou uma abrangência mundial e chegou ao Novo Mundo. Seu objetivo principal era submeter os catolicismos locais e nacionais ao controle institucional da Cúria Romana. [...] Esta agenda impunha o combate às devoções e aos rituais dos peregrinos e fiéis do catolicismo popular tradicional. A criação das dioceses e paróquias, por exemplo, desencadeou acirrados conflitos com as Irmandades nos centros urbanos. Nos sertões, o conflito instaurou-se sobretudo nos santuários – na sua maioria dirigidos por beatos e monges leigos – e nas capelas locais, mantidas por “rezadores” (Steil, 2019, p. 225-226).

Esse movimento de romanização, ocorreu de maneira mais tardia no Brasil, contudo não deixou de ser severa e de adquirir as formas simbólicas espaciais religiosas pertencentes ao catolicismo popular e por ele construído. A Festa de São Benedito em Machado–MG, não era uma festividade de grandes proporções como antigamente. Nem era a principal festa do calendário litúrgico do município, muito menos a principal festa da cidade.

De acordo com Gonçalves e Reis (1979), o avanço da Festa de São Benedito tem como um dos motivos a eliminação da Festa de São Sebastião. Também, como nos mostrou Rebello (2006), houve um *embranquecimento* da população festiva. A festa passou a ter um investimento maior, inclusive de grandes Fazendeiros, o que “explica, de uma vez por todas, a modificação do panorama econômico da Festa de São Benedito. Um povo bem aquinhoado financeiramente e de fé religiosa convicta é um povo que colabora com a Igreja” (Gonçalves; Reis, 1979, p. 24).

Inclusive, a festividade ocorre tradicionalmente na segunda quinzena do mês de agosto, mas nem sempre foi assim. Houve variações na década de trinta e quarenta do século XX, na década de quarenta houve a realização da festa no mês de setembro, e em 1942, começou a ser realizada no mês de agosto, sendo assim até o momento. Afinal, agosto é uma época propícia onde as pessoas conseguiriam mais dinheiro devido à colheita do café, principal fonte econômica do município na época em que a data foi selecionada, sendo assim até o momento (Gonçalves; Reis, 1979). Percebe-se, então, o porquê da Festa de São Benedito ocorrer no mês de agosto. Há de se entender também que a festa é de âmbito popular, os Congadeiros em sua maioria são trabalhadores de origem humilde. Ademais, a gênese festiva está ligada as camadas periféricas da sociedade. “[...] são os pretos os responsáveis pelo brilho da festa que remonta aos primitivos tempos do período colonial, fase em que teve o início a escravidão em nosso país” (Carvalho, 1985, p. 160).

A Festa de São Benedito não se faz somente no terreiro, ou seja, na praça, mas também nas ruas que começam a receber barracas onde se estabelece uma feira comercial com variedade de produtos e de bens simbólicos religiosos. A feira atrai comerciantes de diversas localidades, é uma importante detentora da atenção do público festivo com a cultura do lugar, devido aos preços mais

baixos, trazendo entusiasmo à população de Machado–MG e região. De acordo com Gonçalves e Reis (1979, p. 22), “é verdade que nem sempre essa feira existiu e que no seu início não tinha as mesmas proporções atuais. Contudo, hoje ela é parte integrada da festa e isso não mais se discute: constata-se”. Em um período sem a praticidade e vantagens da internet para realizar compras com produtos mais baratos, a parte econômica relacionada à feira era muito aguardada, um sucesso festivo. Ainda hoje, esse espaço atrai grande atenção, tornando a territorialidade mais dinâmica, sendo uma espacialidade esperada pelo público festivo que realiza suas economias para poderem festejar.

De acordo com Rebello (2006), a Festa de São Benedito cresceu de maneira descontrolada e começou a ter problemas. Ainda em consonância com o autor, a festa chegou a ter cerca de 1500 barraqueiros, onde era possível ver barracas nas ruas: Joaquim Teófilo e Barão do Rio Branco. Percebe-se então que durante o período festivo há uma ruptura com o cotidiano do/no lugar. Muitos moradores aproveitavam a situação, conforme mostra Rebello (2006), e vendiam energia elétrica, comida, alugavam garagem e banheiros para os barraqueiros. O autor relata que a infraestrutura do lugar era insuficiente. Doravante, é perceptível que o comércio paulatinamente foi conquistando território na festividade, constituindo, assim, uma territorialidade, tendo influência e importância para a sua manutenção e constituição festiva. Hodiernamente, essa espacialidade comercial por motivos de segurança, higiene e saúde pública foi limitada e regulamentada, sendo por volta de 300 barracas (Corrêa; Alves, 2020).

Outro grande acontecimento na estruturação da festividade foi a consolidação da Associação dos Congadeiros *Tio Chico*, sendo uma representação política dos interesses dos Congadeiros, que por muito tempo ficaram desamparados.

“No início dos anos 80, a quantidade de ternos em Machado já ultrapassava uma dezena. O número de congadeiros aumentava a cada ano, mas eles não possuíam um local onde pudessem se reunir e ali discutirem seus problemas, as coisas do seu interesse. Não tinham um órgão representativo da classe” (Silva, 2014, p. 48).

Conforme mostra a Revista *Imagem & Conteúdo* (2014), a Associação foi construída mediante mutirões organizados pelos próprios Congadeiros, e a obra custeada pela prefeitura do município. O terreno onde se deu a construção foi fruto de uma doação da COHAB-MG,⁴ sendo construído no bairro Santo Amaro, em Machado–MG. O início da obra foi no dia 2 de setembro de 1980. Em consonância com Rebello (2006), a Associação dos Congadeiros teve sua fundação no ano de 1981, no dia 30 de agosto ainda não estava totalmente concluída, sendo entregue com a

⁴ Companhia de Habitação de Minas Gerais

construção totalmente finalizada em 13 de maio de 1982. O nome da Associação se deu por meio de uma homenagem ao congadeiro do município que ajudou a construir a antiga Capela, chamado: Francisco Manoel dos Santos. Logo, a Associação foi denominada como *Casa do Congadeiro Tio Chico*. Doravante, os Congadeiros passam a ter uma representação. Segundo Silva (2014) os idealizadores da Associação dos Congadeiros foram o professor José Vitor da Silva e Pedro Ribeiro da Silva, sendo o segundo o primeiro presidente, tomando posse no dia 13 de maio de 1982.

Atualmente, a Festa de São Benedito é organizada por um tripé: a) a Prefeitura Municipal; b) a Associação dos Congadeiros Tio Chico e c) a Paróquia Sagrada Família e Santo Antônio. A Igreja Católica Apostólica Romana, conduz a estruturação dos momentos religiosos oficiais onde há um membro eclesiástico na condução, além também de organizar e leiloar as esmolas/doações e administrar o bingo. A Associação dos Congadeiros Tio Chico administra a parte cultural e conduz o catolicismo popular presente na festividade, não deixando também de ter nas manifestações o caráter religioso e sagrado. O papel da prefeitura é trabalhar com a infraestrutura festiva e locação das especialidades comerciais.

A NECESSIDADE DA FUNDAÇÃO DE NOVAS FESTIVIDADES E TERRITORIALIDADES

A Festa de São Benedito obteve grande difusão comercial em sua estrutura, após principalmente incentivos vindos de órgãos públicos e da Igreja para que incrementos nos donativos/doações fossem encaminhadas para a festividade deixando aquele caráter de quermesse e se tornando a maior festividade do município. Todo esse movimento, paulatinamente, foi tirando da centralidade seus progenitores e inserido no território festivos territorialidades que em muitos momentos se tornam conflitantes (Corrêa; Alves, 2017).

Para além da questão do litígio, influenciando na perda da autonomia dos congadeiros sobre a capela de São Benedito. A perda de espaço para o setor comercial tornou um problema, pois os ternos além de não ter muito espaço para seus rituais e apresentações, acabam tendo o tempo cronometrado para passar pelo terreiro nos dias festivos. No ápice festivo, onde a especialidade se encontra com maior concentração de pessoas e para agravar o problema, há concentração de mesas e cadeiras para fora das barracas, tornando o espaço menor para as apresentações (Figura 1).

Figura 1- Terreiro de São Benedito e sua espacialidade



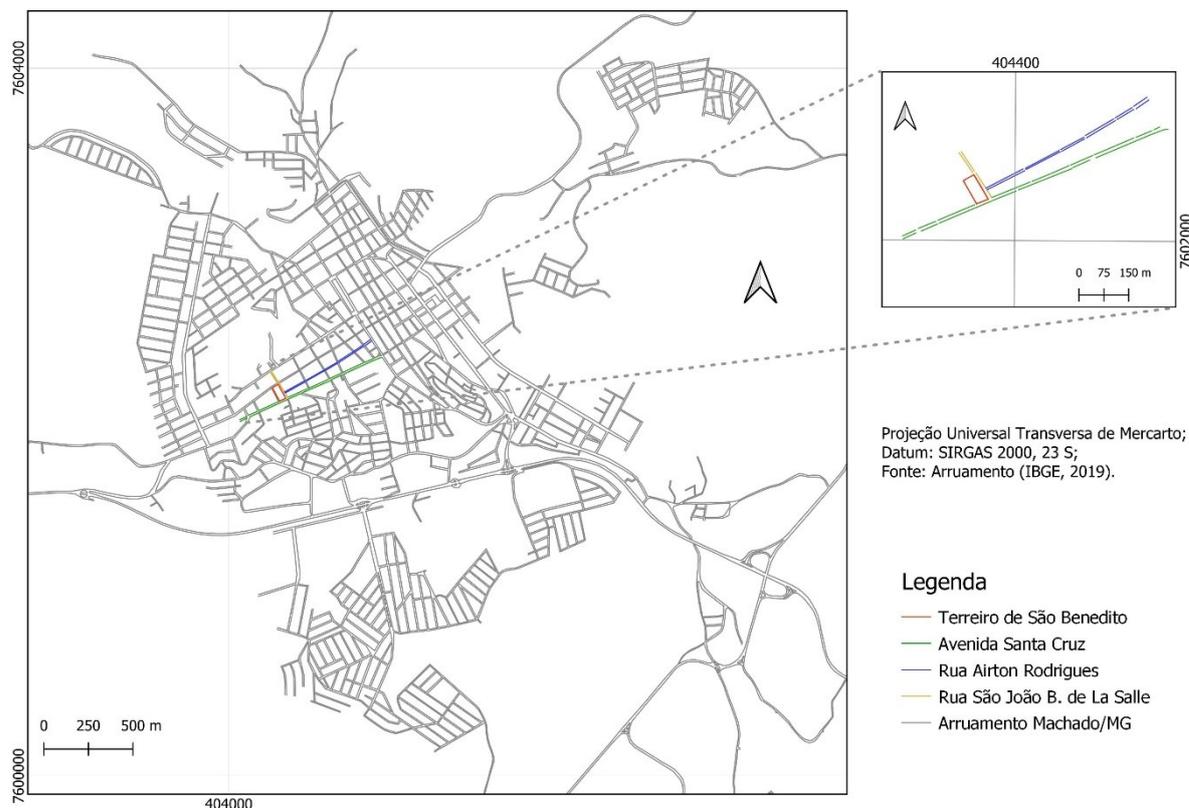
A) Descida do Mastro em agosto de 2018

B) Subida do Mastro em agosto de 2023

Fonte: Trabalho de campo, ago. 2018, ago. 2023.

Na figura 1 é observável como o espaço festivo no terreiro de São Benedito se torna escasso, sendo às vezes prejudicial às manifestações culturais religiosas. Recentemente, na retomada pós-pandemia, houve um cuidado maior com o espaço destinado aos congadeiros, por meio do uso de grades e maior número de seguranças privados para controle de acesso às apresentações, conforme destacado na figura 1 B. Além disso, cabe ressaltar que medidas contra o uso de mesas e cadeiras no espaço festivo também se tornaram mais rígidas visando o controle dessa prática no espaço comercial/cultural, havendo aplicação de possíveis punições a quem cometer o ato.

A Festa de São Benedito acontece principalmente em algumas ruas próximas ao terreiro de São Benedito, conforme mostrado no mapa 2. Nessas ruas e no terreiro de São Benedito é onde ocorre a manifestação da centralidade do sagrado por meio de um ritual de construção, para o estabelecimento de um espaço sagrado secundário e do espaço profano diretamente associado ao espaço sagrado secundário através de um ritual de construção (Oliveira, 2017). Obviamente que a festividade de maneira geral acontece na cidade na totalidade por meio dos séquitos dos ternos presentes em diversos bairros do município. Contudo, é na territorialidade do mapa 2 que se encontram as formas simbólicas espaciais religiosas, o espaço sagrado fixo e a espacialidade comercial da festividade, resultando na sua maior troca e dinâmica festiva. Conseqüentemente se mostra o cerne dos conflitos territoriais da festividade, culminando na disputa de territorialidades e divergências no espaço geográfico festivo.

Mapa 2 – Localização do território físico da festa de São Benedito

Fonte: Elaborado pelo autor de IBGE (2019).

Conforme visível no mapa 2, o terreiro de São Benedito está representado pela cor vermelha, onde presentes: a) a capela de São Benedito, b) o mastro e c) a bandeira e o cruzeiro das almas. O mastro com a bandeira está presente nos dias da festa, marcam simbolicamente a presença do santo padroeiro, o início e fim do espaço e tempo festivo. Na época festiva, atrelado a essas formas simbólicas espaciais religiosas fixas ou móveis, temos no terreiro de São Benedito as barracas de comidas e bebidas, a tenda do congo⁵ e a barraca de bingo⁶. Elementos que constituem a territorialidade festiva e que demonstram a maneira como a festividade é organizada por meio de seu tripé.

Na rua Airton Rodrigues (azul) encontramos a maioria dos barraqueiros, um comércio presente no setor secundário da economia, composto por uma infinidade de produtos que vão desde vestimentas, utensílios domésticos, brinquedos, perfumes, entre outros, figura 2. (Santos, 2004).

⁵ Organizada e administrada pela Associação dos Congadeiros Tio Chico de Machado, MG.

⁶ Administrada pela Paróquia Sagrada Família e Santo Antônio de Machado, MG.

Figura 2- Barraqueiros rua Airton Rodrigues



A) Rua Airton Rodrigues e a instalação dos barraqueiros

B) Barracas e o comércio na rua Airton Rodrigues

Fonte: Trabalhos de campo realizados em agosto de 2022 e agosto de 2023.

Na Figura 2, fica evidente como é distribuída a maior aglomeração de barraqueiros da Festa de São Benedito na rua Airton Leite, a possibilidade de acesso dos congadeiros é quase nula, sendo a avenida Santa Cruz (verde) mais utilizada para adentrar ao terreiro de São Benedito. Na avenida Santa Cruz é onde acontece grande parte dos séquitos festivos, além de contar com comércios alimentícios. Já na rua João Batista de La Salle (preto), estão barracas majoritariamente ligadas a alimentação.

Assim se constitui a principal territorialidade da Festa de São Benedito em Machado, devido ao seu crescimento se tornou também um atrativo turístico, vindo diversas pessoas de outros municípios com díspares finalidades, sendo elas religiosas ou não. Devido ao conflito espacial e à proporção que a centenária Festa de São Benedito tomou, no ano de 2017 foi pensada mais duas festividades para que os ternos de congadas pudessem aproveitar mais o terreiro de São Benedito, festas menos comerciais e voltadas à cultura dos ternos de congada. Assim surgem as festas de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, sendo a primeira no mês de maio e a segunda em novembro. Dessa maneira, os três santos padroeiros das culturas afro-brasileiras e das congadas na região são homenageados no município (Figura 3).

Figura 3 - Santos Padroeiros das congadas de Machado/MG



Fonte: Trabalho de campo, dezembro de 2023.

As festividades de congo no Sul de Minas Gerais possui como representantes/ padroeiros da manifestação um dos três santos presentes na figura 3. São Benedito, Santa Efigênia e Nossa Senhora do Rosário. Os congadeiros também são muito devotos de Nossa Senhora de Aparecida, inclusive há ternos de Machado que vão para Aparecida–SP fazer apresentações na Festa de São Benedito do município. Quando um congadeiro está fardado, ele se torna um soldado de São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia. Como soldados, eles dançam e cultuam seus padroeiro e padroeiras, representantes do catolicismo popular no município e na região.

AS NOVAS FESTIVIDADES: UMA DINÂMICA QUE RELEMBRA O PASSADO

As Festas de Nossa Senhora do Rosário de Santa Efigênia possuem uma estrutura diferenciada da atual Festa de São Benedito. Elas contêm em seu cerne elementos que nos remetem ao que já foi a Festa de São Benedito outrora. Organizada pela Associação dos Congadeiros, as duas festividades não têm um apelo comercial, sendo organizada pelo catolicismo popular, possuindo pouquíssimas barracas de alimentação e algumas barracas de brinquedos, chegando a ter reatualizações sem o comércio. Grande parte do terreiro de São Benedito fica livre para os ternos de congadas fazerem suas apresentações (Figura 4).

Figura 4 – Manifestação da Festa de Santa Efigênia e Nossa Senhora do Rosário

A) Festa de Nossa Senhora do Rosário, levantamento do Mastro

B) Festa de Nossa Senhora do Rosário, levantamento do Mastro



C) Festa de Santa Efigênia, apresentação do Caiapó



Fonte: Trabalhos de campo, maio de 2022 e novembro de 2023.

Como é possível observar na figura 4, há um espaço maior para as manifestações religiosas. Sendo assim, um movimento de pertencimento com o lugar e território que há décadas vem sendo retirado dessa população. A Festa de Nossa Senhora do Rosário acontece em maio e está de certa maneira atrelada as comemorações do dia 13. Já a Festa de Nossa Senhora do Rosário acontece no mês de novembro, estando relacionada ao mês da consciência negra. Essas festividades reafirmam o pertencimento e a resistência de uma cultura centenária em Machado.

Como demonstrado por alguns congadeiros durante conversas sobre as manifestações culturais/religiosas, muitos falaram sobre o foco da Festa de Nossa Senhora do Rosário e a de Santa Efigênia está na Bandeira e no mastro, figura 5. Destacam também que em algumas festividades nem chegaram a ter barracas, sendo uma festa para o congo conforme eram as antigas e ainda ressaltaram que a Festa de São Benedito ao longo do espaço e do tempo mudou demais.

Figura 5 - Festa de Santa Efigênia em Machado–MG

A) Mastro e Bandeira, Festa de Santa Efigênia.



B) Mastro e Bandeira Festa de Santa Efigênia.



Fonte: Trabalho de campo, novembro de 2023.

Na figura 5, há no terreiro de São Benedito a indicação do tempo festivo pela presença do mastro e da bandeira da santa, não havendo barracas, sendo o espaço destinado somente para os ternos de congadas do município. É comum nessas festividades encontrar três ternos ou mais no terreiro espalhados fazendo suas apresentações. São festas onde a população tem espaço para dançar o congo e posteriormente a chegada de um terno no terreiro, não há necessidade de abandonar o espaço para o outro apresentar. Quando terminam as apresentações iniciais, começa a cantoria e os ternos ficam no terreiro fazendo suas evoluções. Essas novas festividades mostram que na atual configuração a Festa de São Benedito, hoje a maior festa do município, cresceu e incorporou em sua estrutura outros elementos para além dos de sua gênese. Como resultado, houve apropriações para além do campo cultural, principalmente quando se fala em recursos arrecadados com a festividade, sendo a menor parcela destinada aos congadeiros. A representação política feita pela Associação dos Congadeiros Tio Chico até hoje passa por problemas, sendo gradualmente paulatinamente entendida pelo poder público e trabalhada pelos seus gestores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As festividades relacionadas à cultura popular e ao catolicismo popular vem ao longo das décadas perdendo espaços para as suas manifestações com a perda territorial e com a privatização do sagrado. A romanização é um exemplo de como as formas simbólicas espaciais religiosas são

retiradas de uma determinada parcela da sociedade e dadas a uma instituição. Além disso, a parte comercial que se estruturou e se tornou parte da festa também se constituiu em uma nova territorialidade atraindo um grande público. Doravante, há na composição das territorialidades festivas uma disparidade de público que não se constitui somente por devotos dos santos representados. Mas, também por pessoas que querem na festa, buscar por alimentação diferenciada, comidas típicas e vivências sociais.

Contudo, apesar das mudanças não observamos a perda da essência principal da festa, o significado de luta e resistência, de uma manifestação de cunho popular e principalmente uma festa de congo. Já houve reatualizações sem barraqueiros no ano de 2009 devido a H1N1, já teve festa sem a participação da Igreja, sem público nas ruas devido à Covid-19. Todavia, é difícil pensar em uma festividade sem os ternos de congadas e todo o público participante, entre devotos ou pessoas comuns. Para a reatualização cósmica acontecer, a ruptura temporal e espacial ocorrer, independe da Igreja e de sua hierocracia, a festa se constitui como muitos congadeiros já falaram, através dos ternos nas ruas, dos sons, das danças, dos rituais, das evoluções e devoções aos padroeiros festivos.

A gênese das novas festividades mostra que a cultura do congo está viva e ativa no cenário da cultura do lugar, proporcionando novas territorialidades, festividades, experiências e espacialidades. Logo, a cultura está em constante transformação, não sendo mórbida. Perpetuada entre as gerações de congadeiros a cultura e a religiosidade presente no catolicismo popular em Machado resistem, os ternos de congadas e caiapó seguem ocupando seus territórios e constituindo territorialidades.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Rosa Maria Sidnoretta. **O fermento popular cem anos: Festa de São Benedito:** patrimônio cultural, imaterial do povo machadense. Machado, MG. Ed. Gilcav, 2014.

BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado:** elementos para uma teoria sociológica da religião. Organização de Luiz Roberto Benedetti. Tradução de José Carlos Bacellos. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

BESSE, Jean Marc. **Ver a Terra.** Seis ensaios sobre a paisagem e a Geografia. Tradução de Vladimir Bartolini. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BONNEMAISON, Jöel. Viagem em torno do Território. *In:* CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Geografia cultural:** um século (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. v. 3.

CARVALHO, João Rodrigues. **História de Machado.** Belo Horizonte: Prefeitura Municipal de Machado, 1985.

CERNIAVSKIS, Elvira. **Congo: fé ou festa?** Eis a questão! Trabalho de conclusão do curso de pós-graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos. São Paulo: Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação/ECA/USP, 2010.

CLAVAL, Paul. **A Geografia cultural**. Tradução de Luiz Fugazzola e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 4. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

CORRÊA, Jhonatan da Silva. Festas silenciosas: formas de cultuar perante à pandemia. *In*: WORKSHOP DE GEOGRAFIA CULTURAL: Territorialidades do Sagrado: abordagens da geografia da religião, 4., 2020, Alfenas, MG. **Anais** [...]. Alfenas: UNIFAL, 2020. Disponível em: https://www.unifalmg.edu.br/geografia/sites/default/files/1_21jhonatan.pdf. Acesso em: 20 mar. 2024.

CORRÊA, Jhonatan da Silva. Por uma Geografia das R-existências: as manifestações culturais da festa de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário no Sul de Minas Gerais. 2022. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Alfenas, MG, Alfenas, 2022. Disponível em: <https://btd.unifal-mg.edu.br:8443/handle/tede/2002>. Acesso em: 1 maio 2022.

CORRÊA, Jhonatan da Silva; ALVES, Flamarion Dutra. A Questão Territorial da Festa de São Benedito em Machado, MG. **Geographia Opportuno Tempore**, Londrina, v. 3, n. 2, p. 165-178, 2017.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da Geografia *In*: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Geografia: conceitos e temas**. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Formas simbólicas e espaço**: algumas considerações. **AURORA - Geography Journal**, Guimarães, Portugal, v. 1, p. 11-19, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand. Brasil, 2003.

COSTA, Otávio. Memória e paisagem: em busca do simbólico dos lugares. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, p. 149-156, 2008. Edição Comemorativa - 1993-2008.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. a essência das religiões. Lisboa: Edições livros do Brasil, 1964.

FICKELER, Paul. Questões fundamentais na geografia da religião. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, p. 7-35, 2008. Edição Comemorativa - 1993-2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FRANGELLI, Patrícia. **Gestão de um epicentro católico no Brasil**: o Circuito Turístico Religioso do Vale do Paraíba Paulista, SP. Orientador: Scott William Hoefle. 2015. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Rio de Janeiro, 2015.

GONÇALVES, Ceila Caproni; REIS, Marilda Signoretti. **A festa de São Benedito em Machado**. Machado, MG: [S. d.], 1979.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Universidade Federal Fluminense, 2006.

HINE, Christine. **Virtual ethnography**. London: Sage publications, 2001.

HOLZER, Werther. Método fenomenológico: humanismo e a construção de uma nova Geografia. *In*: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Temas e caminhos da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 37-71.

IBGE. **Bases de faces de logradouros do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/malhas-territoriais/28971-bases-de-faces-de-logradouros-do-brasil.html?edicao=28972&t=acesso-ao-produto>. Acesso em: 15 jun. 2014.

IBGE. Cidades. **Machado, MG**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/machado/panorama>. Acesso em: 10 mar. 2024.

IBGE. **Regiões de influências das cidades**. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv40677.pdf>. Acesso em: 7 maio 2024.

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. A (re)significação da paisagem no período contemporâneo. *In*: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. v. 228, p. 9-28.

MESQUITA, Rafael Fernandes de; MATOS, Fátima; MACHADO, Diego; SENA, Augusto Marcos Carvalho de; BAPTISTA, Maria Manuel. Do espaço ao ciberespaço: sobre etnografia e netnografia. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, MG, v. 23, n. 2, p. 134-153, abr./jun. 2018.

NORA, Pierre. Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux. *In*: NORA, Pierre (org.). **Les lieux de mémoires, I**. La République. Paris: Gallimard, 1984. p. xxiv. (Bibliothèque illustrée des histoires, v. 1).

OLIVEIRA, Jefferson Rodrigues de. Geografia, religião e mídia: novas interfaces do sagrado na era hipermoderna. **Rever – Revista de Estudos da Religião (PUC-SP)**, São Paulo, SP, v. 19, n. 3, p.55-77, 2019.

OLIVEIRA, Jefferson Rodrigues de. **O on e o off da fé na hipermodernidade: a religião e novas interfaces do sagrado na era 2.0**. O exemplo no Vale do Paraíba (SP). 2017. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, RJ, Rio de Janeiro, 2017.

OLIVEIRA, Jefferson Rodrigues de; LIMA, Paulo Afonso Dias de. Fé e virtualidade no século XXI: novas territorialidades e práticas de devoção ao sagrado na era digital. **Boletim Alfenense de Geografia**, Alfenas, MG, v. 1, n. 1, p. 110–123, 2021. DOI: 10.29327/243949.1.1-6.

Disponível em:

<https://publicacoes.unifalmg.edu.br/revistas/index.php/boletimalfenensedegeografia/article/view/1658>. Acesso em: 6 jun. 2024.

REBELLO, Ricardo Moreira. **Machado até a virada do milênio**. Machado, MG, [S. l], 2006. Tomo II, p. 170-193.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião**: uma abordagem geográfica. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2002.

ROSENDAHL, Zeny. História, teoria e método em geografia da religião. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 31, p. 24-39, jan./jun. 2012.

ROSENDAHL, Zeny. Território e territorialidade: uma proposta geográfica para o estudo da religião. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Geografia Cultural**: uma antologia. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. v. II, p. 169-187.

ROSENDAHL, Zeny. **Uma procissão na geografia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.

SANTOS, Milton. **Espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SAQUET, Marcos A. As territorialidades e as temporalidades. *In*: SAQUET, Marcos A. **Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades**: uma concepção dimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015a. p. 99-115.

SAQUET, Marcos A. Por uma abordagem territorial. *In*: SAQUET, Marcos A. SPOSITO, Eliseu Savério (org.). **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. 2. ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015b. p. 73-94.

SILVA, José Vitor. Origem da Festa de São Benedito está ligada à história do povo negro. **Revista Imagem & Conteúdo**: Sul de Minas, Machado, fev./mar. 2014. Centenário da Festa de São Benedito.

SOPHER, David E. **Geography of religions**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1967.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

SPOSITO, Eliseu S. **Geografia e filosofia**: contribuições para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

STEIL, Carlos Alberto. Percursos das peregrinações católicas no Brasil: gênese e desenvolvimento do tema na ótica das ciências sociais. **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo, SP, v. 33, n. 2, p. 221-242, maio/ago. 2019.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

Recebido em: junho de 2024
Aceito em: setembro de 2024